

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HV-OP-003 A / B

Entrevistado: Raymundo Lino da Silva (Senhor Didico)

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

Data da entrevista: 19/12/2006

Horário da entrevista: 14h

Duração da entrevista: Tempo total: 1h24min11seg – DVD / A: 56min58seg –
DVD / B: 27min53seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade
(monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Gustavo Costa Mendes (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 16/03/2007

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 27/03/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

Elodia Lebourg – Senhor Didico, vamos começar agora, está bom?

Senhor Didico – Está.

Elodia Lebourg – Eu queria começar com o senhor dizendo seu nome completo.

Senhor Didico – Raymundo Lino da Silva.

Elodia Lebourg – Qual é a data do seu nascimento?

Senhor Didico – Vinte e três de setembro de 1905.

Elodia Lebourg – Onde o senhor nasceu?

Senhor Didico – Nasci em Ouro Preto, na Rua Salvador Trópia¹. O número eu não sei.

Elodia Lebourg – Quantos anos o senhor tem?

Senhor Didico – Cento e um.

Elodia Lebourg – Por que o senhor é chamado assim? A que se deve seu apelido?

Senhor Didico – Desde menino, desde criancinha, uns começaram a me tratar assim e estou até hoje! [riso]

Elodia Lebourg – O senhor gosta desse apelido.

Senhor Didico – Gosto.

Elodia Lebourg – Posso chamá-lo de Senhor Didico?

Senhor Didico – À vontade.

Elodia Lebourg – Qual é o nome dos seus pais?

Senhor Didico – Zeferino Gonçalves da Silva.

Elodia Lebourg – E da sua mãe?

Senhor Didico – Raymunda Nonata da Silva.

Elodia Lebourg – Em que eles trabalhavam?

Senhor Didico – Meu pai era pedreiro. Depois ficou chefiando uma empresa de tintas. Tirava tintas, no município de Ouro Preto e de outros lugares, lavava a tinta, secava convenientemente e embarcava para o Rio de Janeiro², onde era a firma.

¹ Localizada no centro de Ouro Preto.

² Capital do estado de mesmo nome.

Elodia Lebourg – O senhor sabe que firma é essa?

Senhor Didico – Eu sei que um dos seus patrões foi Joaquim³ e o outro, Pedro Rocha. Os proprietários.

Elodia Lebourg – E sua mãe trabalhou com o quê?

Senhor Didico – Ela era dona de casa.

Elodia Lebourg – O senhor teve irmãos?

Senhor Didico – Tenho.

Elodia Lebourg – Quantos?

Senhor Didico – Ao todo, somos nove.

Elodia Lebourg – Nove? Sabe dizer o nome deles? Pelo menos o primeiro nome?

Senhor Didico – Sei. Wenceslau André da Silva, já falecido; José Firmino da Silva, já falecido; Otaviano Boaventura da Silva, já falecido; Martim João da Mata da Silva, já falecido; Geralda Ildefonso da Silva, já falecida; Efigênia Patrícia da Silva, já falecida; João Benedito da Silva, também já falecido, e tem outro que é vivo, João Boaventura da Silva.

Elodia Lebourg – Então são você e o seu irmão, só.

Senhor Didico – Todos irmãos e duas irmãs.

Elodia Lebourg – Mas atualmente, vivos, são o senhor e esse seu irmão?

Senhor Didico – João Boaventura da Silva.

Elodia Lebourg – Como foi sua infância com tanto irmão assim para brincar?

Senhor Didico – Graças a Deus, a gente levou a vida bem e meu pai era muito trabalhador, eficiente, muito bom. Graças a Deus, à gente nunca faltou... Tinha certas épocas difíceis, quando o fornecedor do serviço dele, o armazém, suspendia as vendas. Mas Deus ajudava, a gente quebrava o galho. De outra forma nunca se passou necessidade. Sempre tivemos boa alimentação e nunca faltou.

Elodia Lebourg – O senhor passou a infância em Ouro Preto.

Senhor Didico – Em Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Como era a casa onde vocês moravam? Era a mesma casa onde o senhor nasceu?

³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Senhor Didico – Não, eu nasci na Rua Salvador Trópia. Nós tínhamos casa na Rua das Mercês e dos Perdões⁴. Foi lá que nós fomos criados, na Rua das Mercês e dos Perdões.

Elodia Lebourg – Como era essa casa? Como era a rotina dentro dessa casa?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Como era a casa na Rua das Mercês? Como era dividida, internamente?

Senhor Didico – Nós tínhamos um quarto grande, onde dormíamos uns três irmãos; em outro quarto anexo viviam os outros, e em outro quarto viviam meu pai e minha mãe. E nos acomodávamos todos lá muito bem. Nos fundos da casa, tinha segundo andar com dois cômodos, que a gente alugava. E mais dois afastados do prédio também a gente alugava, meu pai alugava. Dava uma pequena renda que ajudava nas despesas.

Elodia Lebourg – Vocês, os filhos, tinham alguma obrigação dentro da casa? Ajudar a arrumar, deixar tudo organizado...

Senhor Didico – Nós tínhamos disciplina, não é? Eram escritas as obrigações semanais: para uns, cuidar das galinhas – nós tínhamos criação de galinha –, dar semente às galinhas; para outros, varrer a casa; para outros, fazer a limpeza na casa. Tínhamos horta, um terreno muito bom em que se plantava muito bem. Outros iam plantar no quintal, limpar o quintal, cuidar das plantas, molhar e irrigar. Graças a Deus, tudo organizado! Toda semana trocava: uns faziam as obrigações dos outros e retornavam.

Elodia Lebourg – O senhor falou que isso era escrito?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – O senhor falou que isso era escrito, toda semana.

Senhor Didico – Ah! Tinha um... Era posto na parede assim e cada um sabia as suas obrigações.

Elodia Lebourg – Quem fazia essa divisão? Era sua mãe? Seu pai?

Senhor Didico – Não. Nós mesmos.

Elodia Lebourg – E não tinha briga?

Senhor Didico – Não, não. Sempre muito boa a amizade entre todos.

Elodia Lebourg – O que vocês plantavam nessa horta?

⁴ Localizada no centro de Ouro Preto.

Senhor Didico – Plantávamos couve, repolho, almeirão, alface, muito tomate, vagem, repolho. Geralmente, todas as verduras a gente tinha em casa.

Elodia Lebourg – E as brincadeiras, Senhor Didico?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Vocês brincavam muito?

Senhor Didico – Geralmente, depois do jantar... Às quatro⁵, cinco⁶ horas papai largava o serviço. O almoço⁷ era às cinco e meia⁸, seis horas⁹. Depois de todo serviço, a gente ia brincar, uns iam ajudar... Lá, sempre tinha uma pessoa para ajudar no serviço da casa, uma contratada para fazer o serviço da casa. No mais, a gente ia brincar até as sete e meia¹⁰, mais ou menos. Depois dessa hora, nós nos reuníamos em volta da mesa, uma mesa grande que tinha na sala de jantar, e íamos estudar nossas lições, preparar as lições para o dia seguinte, entendeu? E meu pai cuidava da escrituração do seu trabalho, que era a tinta, a lavagem de tinta, secagem e tudo isso. Ele sempre tinha, no serviço, uns 15, 18 homens para cuidar do trabalho dele. Essa tinta... Era tirada terra de vários lugares, purificada, tirando areia nos lavadouros – eles tinham os lavadouros próprios. Depois ia para a secagem no cimento, em tabuleiros forrados de pano seco, pano coisa. E tinha um forno que era de secagem da tinta. Depois de seca, era ensacada em saco de aniagem. Eram 333 sacos, 20 mil quilos. Dava um vagão, que era embarcado para o Rio de Janeiro. Tinham diversos... Tratava da oca amarela; do roxo, que dá aqui no Veloso¹¹, muito bom; vermelhão, que tirava lá na Serra da Brígida, para cima do Morro São Sebastião¹²... Preparava as tintas e embarcava para o Rio de Janeiro.

Elodia Lebourg – Parte desse serviço ele fazia na casa do senhor, essa parte de escrever, de papelada.

Senhor Didico – Quer dizer, o estudo nosso, à noite, era preparar as aulas para o dia seguinte.

Elodia Lebourg – Na sua infância, alguma brincadeira, algum brinquedo era seu preferido? Algum o senhor recorda mais?

⁵ Dezesesseis horas.

⁶ Dezesete horas.

⁷ O entrevistado confundiu-se; provavelmente, quis dizer que o jantar era nesse horário.

⁸ Dezesete horas e 30 minutos.

⁹ Dezoito horas.

¹⁰ Dezenove horas e 30 minutos.

¹¹ São Cristóvão, bairro de Ouro Preto.

¹² Bairro de Ouro Preto.

Senhor Didico – Ah, muito! A gente tinha um brinquedo que se chamava berlinda, entre homens e mulheres, quer dizer, entre crianças, não é? A gente ficava com a mão assim¹³, sentado assim. Vinha um com um anel, passava e largava na minha mão; outra hora largava na mão de um dos presentes ali, e depois perguntava: “Com quem está o anel?” “Ah, está com Fulano!” Tomava uma palmada. [risos] “Errou!” “Com quem está o anel?” “Com Fulano”. “Perdeu”. Tomava uma palmada. Quando passava: “Com Fulano”. Estava com Fulano. Tirava de Fulano, Fulano é que ia passar na mão dos outros, novamente as mesmas perguntas. Ali a gente se divertia por uma hora, duas horas. Era brincadeira muito boa, muito alegre! Outro brinquedo que tinha: brinquedo de toco.

Elodia Lebourg – Toco?

Senhor Didico – Toco. [riso] Um ficava um pouco abaixado, contornado; outro vinha e pulava por cima. Mas esse era brinquedo só para homens, não é?

Elodia Lebourg – Ah, é! [riso]

Senhor Didico – Um ficava assim; outro vinha e saltava por cima, pulava para o outro. E assim a gente ia brincando. Aquele que errasse ou caísse substituía os que estavam... E continuava a brincadeira. Outra hora a gente brincava de nego fugido nos arredores de nossa casa, na Rua das Mercês e imediações: corríamos pelas ruas assim, outros correndo na frente, outros perseguindo, pegavam, prendiam, soltavam. Aquela brincadeira sempre dentro da maior alegria e satisfação! Mas depois de nossas obrigações, não é? Depois das nossas obrigações escolares é que tinha essa brincadeira. E aí ia até as nove e meia¹⁴. Nove horas a gente se recolhia para descansar.

Elodia Lebourg – O senhor brincava também com amiguinhos da rua, do colégio, ou era mais com os irmãos?

Senhor Didico – Não, a vizinhança. Vizinhança.

Elodia Lebourg – Aí podia brincar na rua.

Senhor Didico – Na rua. Isso era na rua, porque deslocava para aqui, deslocava para acolá. Era na rua. Eram as mais comuns naquele tempo, não é? Outra hora a gente sentava para contar histórias na casa de [inaudível],

¹³ Mostra como ficavam as mãos.

¹⁴ Vinte e uma horas e 30 minutos.

outra hora na nossa casa. Cada um saía de lá com uma historiazinha boa. E a gente levava o tempo assim.

Elodia Lebourg – E escola? O senhor freqüentou a escola, Senhor Didico?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – O senhor freqüentou a escola?

Senhor Didico – Freqüentei.

Elodia Lebourg – Onde o senhor estudou?

Senhor Didico – A escola que eu freqüentei – e também meus irmãos – era na Rua Bernardo Vasconcelos¹⁵, ao lado da Matriz da Conceição. Hoje é Santuário de Nossa Senhora da Conceição. Então a gente... Como estávamos falando?

Elodia Lebourg – Da escola. Essa escola existe ainda?

Senhor Didico¹⁶ – Ah, da escola, da escola! Eu me lembro da primeira professora que tinha lá. Quer dizer, não foi minha, foi professora dos meus irmãos: Raimunda¹⁷. Dona Raimunda já era uma senhora de avançada idade; depois se aposentou. Depois tinha Noêmia Veloso e Maria Carlota Veloso – também foram nossas professoras, minha e de meus irmãos. E do lado de... Isso eram nossas professoras. No mesmo prédio, ao lado, tinha Generosa¹⁸ e a irmã, cujo nome não me recordo, que davam para uma turma de alunos. Noêmia Veloso e Maria Carlota Veloso eram para outra turma. E, como auxiliar delas, tinha Maria Peixoto, que era professora, sempre de primeira e segunda classe, só.

Elodia Lebourg – O senhor tinha uma professora só. Não eram vários professores no mesmo ano.

Senhor Didico – Cada uma tinha sua professora. Depois, quando meu pai pegou esse serviço, nós fomos morar no Pilar¹⁹, ali na rua... Rua... Aqui para o lado da Estação²⁰, à margem do Rio Funil. Meu pai... Aí eu me mudei para o Grupo Pedro II²¹, para terminar o terceiro ano. O terceiro ano fiz lá. Depois

¹⁵ Localizada no bairro de Antônio Dias, em Ouro Preto.

¹⁶ O entrevistado não respondeu à pergunta.

¹⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁸ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁹ Bairro de Ouro Preto.

²⁰ Estação Ferroviária de Ouro Preto.

²¹ Atual Escola Estadual Dom Pedro II. Nessa época funcionava à Rua da Glória, no bairro do Pilar. Posteriormente, como cita o próprio entrevistado, a Escola mudou-se para sua atual sede, à Rua Senador Rocha Lagoa, também conhecida como Rua das Flores, no centro de Ouro Preto.

fomos para o Grupo na Rua das Flores, porque mudou o Grupo para lá. Onde estava o quartel do corpo de bombeiros, ali foi para onde a escola foi, não é? Nós freqüentávamos ali. Dali...

Elodia Lebourg – Aí o colégio mudou de lugar?

Senhor Didico – O Grupo, que estava sendo construído pelo Estado, foi inaugurado. Então eu terminei o quarto ano na Rua das Flores. Esse Grupo ainda está funcionando lá. Minha professora era Amélia Felicíssimo. Ótima professora! No meio do ano, nós estávamos com o programa do ano todo resolvido! Graças a Deus! Nós éramos poucos²²: umas 35, 34 alunas e oito alunos. Era um número excessivo, mas ela dava conta bem.

Elodia Lebourg – Como era o dia-a-dia nas escolas que o senhor freqüentou? Entrava a que horas no colégio?

Senhor Didico – Era de meio-dia até as quatro horas. Algumas outras professoras despediam os alunos às cinco horas, nesse horário. Tinha um descanso de 15 minutos, durante o horário.

Elodia Lebourg – Era o horário do recreio?

Senhor Didico – Recreio. Podia sair um pouquinho ali, nas imediações da escola, e retornar, não é? Eram 15 minutos só.

Elodia Lebourg – Dava tempo de brincar, de comer?

Senhor Didico – Dava. Quinze minutos só, mas dava.

Elodia Lebourg – O que o senhor fazia no horário do recreio?

Senhor Didico – Quem levou merenda, levou; quem não levou, ficava batendo papo, brincando, correndo dos outros, brincando de pegador. Até chegar a hora e a gente retornava.

Elodia Lebourg – E as aulas? Tinha aula de quê?

Senhor Didico – Era Português, Matemática, Geografia, Desenho... As professoras procuravam melhorar seus alunos o máximo possível. Geografia, História do Brasil, História Universal... Eu me recordo muito quando estava no terceiro e... Deixa ver uma coisa. Não, aí foi no Ginásio que aconteceu. Mas a gente tinha uma instrução muito boa, muito boa!

Elodia Lebourg – O senhor gostava mais de alguma disciplina?

²² O entrevistado confundiu-se; provavelmente, quis dizer que eles eram “muitos”.

Senhor Didico – Eu sempre gostei muito de História do Brasil e Matemática. E Português, que é em primeiro lugar, não é? [riso]

Elodia Lebourg – Por quê?

Senhor Didico – É a base, não é? É a base.

Elodia Lebourg – O senhor era bom aluno? Tirava nota boa?

Senhor Didico – Era estudioso. Graças a Deus, era estudioso!

Elodia Lebourg – E como era a disciplina nos colégios, nessa época? Podia fazer bagunça na aula? Tinha que se comportar direitinho? Como era isso?

Senhor Didico – Era exigido muito silêncio durante a sala, não é? E os alunos também eram disciplinados, graças a Deus! Naquele tempo, eram admitidos alunos de 10 anos, 11 anos, 12 anos, no terceiro ano, segundo ano. Hoje a legislação nessa parte mudou muito, não é? Rapazes já feitos estavam na Escola Primária.

Elodia Lebourg – Dentre essas professoras todas que o senhor citou, o senhor gostava mais de alguma?

Senhor Didico – Gostava de todas, em geral. Todas muito boas, muito eficientes!

Elodia Lebourg – Nas férias escolares, o que o senhor costumava fazer?

Senhor Didico – A gente não saía de Ouro Preto, porque não tinha condições. Ficava em casa. A gente tinha mais tempo para brincar, trabalhar mais.

Elodia Lebourg – Até qual série o senhor estudou?

Senhor Didico – Só até a segunda, no Colégio Alfredo Baeta²³, no Ginásio...

Elodia Lebourg – Mas até o segundo grau?²⁴

Senhor Didico – Só.

Elodia Lebourg – O senhor falou que gostava mais de História do Brasil, Português, Matemática. De alguma disciplina o senhor não gostava?

Senhor Didico – Não. Tinha que estudar todas, não é? Gostava. Mas nunca isolei nenhuma, não. E também não podia, não é? O regulamento do ensino não permitia, tinha que fazer todas.

Elodia Lebourg – E nas comemorações, nas datas cívicas, como o colégio fazia? Tinha desfile?

²³ Nessa época, o Colégio Alfredo Baeta localizava-se na Rua Felipe dos Santos, bairro Antônio Dias, onde hoje funciona a Pousada Vila Rica.

²⁴ A entrevistadora equivocou-se: ele estudou até o segundo ano do Ginásio, que hoje corresponde à 6ª série do Ensino Fundamental.

Senhor Didico – Não é como hoje, quando se celebra isso com muito carinho. Não havia reunião nenhuma nesse sentido. As prefeituras... A escola era do Estado, não é? Não havia, naquele tempo, escola da Prefeitura. Eram quase todas do Estado. Mas não promoviam solenidade nenhuma.

Elodia Lebourg – Não tinha nem desfile de Sete de Setembro²⁵?

Senhor Didico – Não, não. No meu tempo, não.

Elodia Lebourg – O senhor falou que estudou até o segundo ano do segundo grau, é isso?

Senhor Didico – É. Colegial.

Elodia Lebourg – Ah, então o senhor terminou o colegial?

Senhor Didico – É.

Elodia Lebourg – E terminou com que idade?

Senhor Didico – Não terminei. Fiz só até a segunda.

Elodia Lebourg – Ah! Isso que eu queria entender. E o senhor...

Senhor Didico – Eu não cheguei a terminar. Mas estudei um pouco de tempo.

Elodia Lebourg – Com qual idade o senhor parou de estudar?

Senhor Didico – Eu não me recordo.

Elodia Lebourg – O senhor lembra por que parou?

Senhor Didico – Parei, porque meu pai não podia pagar o colégio para dois. Então, eu parei e fui trabalhar no serviço do meu pai.

Elodia Lebourg – O colégio era pago?

Senhor Didico – Pago.

Elodia Lebourg – Aí o senhor foi trabalhar com seu pai.

Senhor Didico – Trabalhava com meu pai. Mas por pouco tempo. Logo fui convidado para... Um amigo nosso, perto da Estação, onde é o Hotel Nossa Senhora da Conceição... Um português chamado Joaquim Ribeiro pediu meu pai para arranjar uma pessoa para vir trabalhar para ele aí. E eu vim. Trabalhei onde é o Hotel Nossa Senhora Aparecida²⁶. Logo, logo, eu saí do Ginásio e trabalhei ali, durante cerca de uns dois anos e tanto. Era um português: Comendador Joaquim Ribeiro.

Elodia Lebourg – O senhor trabalhava fazendo o quê?

Senhor Didico – No balcão. Tomava conta do comércio.

²⁵ Data comemorativa do Dia da Independência do Brasil.

²⁶ Localizado em frente à Estação Ferroviária de Ouro Preto, no bairro Barra.

Elodia Lebourg – Nessa época o senhor estava com qual idade, mais ou menos?

Senhor Didico – Estava com uns 15 anos.

Elodia Lebourg – Aí o senhor parou de brincar e já começou a sair com os amigos? Tinha isso? Ou ficava mais em casa?

Senhor Didico – Não, eu dormia lá no restaurante mesmo. Para não ficar só, meu irmão foi designado, pela nossa família, para me fazer companhia, porque eu era muito sozinho para ficar lá. Então o Otaviano foi me fazer companhia e dormia lá.

Elodia Lebourg – Ele era mais velho?

Senhor Didico – Não, ele era o terceiro filho.

Elodia Lebourg – Aí o senhor ficou um tempo trabalhando nesse lugar.

Senhor Didico – Uns dois anos, mais ou menos.

Elodia Lebourg – E saiu por quê?

Senhor Didico – Sai porque meu pai arranhou outro serviço para mim.

Elodia Lebourg – Serviço onde?

Senhor Didico – No comércio mesmo.

Elodia Lebourg – Onde era?

Senhor Didico – Eu trabalhei com um comerciante de gêneros, de nome Zé Zuppo²⁷, na Rua do Ouvidor²⁸. Trabalhei lá pouco tempo. Depois, eu saí de lá e fui trabalhar com... Eu e meu irmão Wenceslau compramos um fundo de negócio de um patrício nosso, de nome Vicente Ferreira. Compramos ali, no Largo de Dirceu²⁹, primeira casa. Lutamos por muitos anos, mas não fomos felizes, não.

Elodia Lebourg – Por quê?

Senhor Didico – Porque a gente não tinha capital. Dependia de crédito para comprar. E tinha conta de crédito fora daqui, porque a gente comprava também de viajantes e comerciários. A gente pelejou muito, mas não foi possível continuar. Depois a gente fechou.

²⁷ O entrevistado não mencionou o nome.

²⁸ Localizada no centro de Ouro Preto.

²⁹ Atual Largo de Marília, localizado no bairro Antônio Dias.

Elodia Lebourg – Entendi. Senhor Didico, na sua juventude o senhor costumava ir a baile, quermesse³⁰?

Senhor Didico – Gostava muito e freqüentava os bailes, muito! Eu tinha um violãozinho que arranhava um bocadinho. [riso] Tinha uma turma de uns seis, sete companheiros: nós éramos sempre convidados para tocar em bailes, aqui e nas imediações. Então, em quase todo sábado, nós estávamos movimentando os bailes daqui. Aqui, nas vizinhanças, nós estávamos sempre. Toda noite, só para a gente se divertir.

Elodia Lebourg – Que tipo de música vocês tocavam?

Senhor Didico – Naquele tempo, era muito comum valsa, tango, tango argentino. Era muito mais comum. De samba também o pessoal gostava muito. A gente tocava um samba e a assistência repetia: “Mais, mais, mais...” [riso] E a gente passava umas boas horas da noite!

Elodia Lebourg – O Clube XV de Novembro já tinha sido criado? Foi criado nessa época?

Senhor Didico – Eu fui fundador do Clube XV de Novembro. Sou o único existente, atualmente. Ele foi fundado em 24 de outubro de 1924, na Rua Padre Faria³¹. Era na casa do... Era uma família que morava lá: Franklin Inácio dos Anjos. Então, todos os sábados, a gente tinha um... Chamava-se ensaio. A gente ia para lá, dançava até as nove e meia³², dez horas³³, muito tardar, onze³⁴. E cada um ia para suas casas. De lá, alugamos uma casa na Rua das Mercês. A casa era da Ordem das Mercês e Perdões³⁵. O Clube alugou a casa e melhorou um bocadinho. Passou lá uns tempos. Logo em seguida, no primeiro Carnaval, viemos passar na casa ali... A senhora sabe aquela casa de varanda, ali no Largo do Dirceu... No Largo do Dirceu não. Na Travessa Antônio Leão³⁶. Ali nós passamos o Carnaval e, depois dali, já saímos para onde é a sede do Clube. O próprio Clube tinha muitos operários... Deram uma reforma geral e ficamos lá. Depois recebemos a chave da mão do Doutor João Batista Ferreira Veloso, que estava com a chave da casa. Eu e José Cordeiro

³⁰ Festividade beneficente, geralmente organizada por um grupo religioso.

³¹ Localizada no bairro Padre Faria.

³² Vinte e uma horas e 30 minutos.

³³ Vinte e duas horas.

³⁴ Vinte e três horas.

³⁵ Ordem religiosa.

³⁶ Até o momento, não foi possível identificar o local citado.

recebemos a chave, fomos para lá, e o Clube ficou movimentando lá. Mais tarde, depois de algum tempo, depois de muito pelejar, para obter a propriedade da casa, no governo... Esqueço o nome do prefeito. Requeremos... Ele nos orientou para requerer o lote onde estava a casa. E isso foi feito. Foi feito e obtivemos a propriedade da casa.

Elodia Lebourg – Que tipo de evento o Clube promovia?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Que tipo de evento era promovido pelo Clube XV de Novembro, nessa época?

Senhor Didico – Evento?

Elodia Lebourg – Isso. Era festa? Outras coisas aconteciam lá? Baile?

Senhor Didico – Não, os bailes continuavam sempre aos sábados, não é? Agora, os bailes mais oficiais eram 31 de dezembro, 15 de dezembro³⁷ – era o aniversário do Clube... E dia 31 de dezembro também era um bom baile.

Elodia Lebourg – Como eram esses bailes?

Senhor Didico³⁸ – Ah, o Carnaval! O Carnaval esquentava a turma! [risos] Brincava-se muito. Desde as oito horas³⁹, nove horas⁴⁰, até amanhecer o dia.

Elodia Lebourg – Ficava muito cheio?

Senhor Didico – Ih! [Fizemos]⁴¹ suspender a venda de ingressos de tanto... E [inaudível] o Clube tinha um bar que vendia salgado, bebidas, não é? Mas funcionava até amanhecer o dia.

Elodia Lebourg – No Carnaval, as pessoas iam fantasiadas?

Senhor Didico – Faziam fantasias também. O Clube XV de Novembro saiu por duas vezes com o cordão carnavalesco na rua.

Elodia Lebourg – Quando foi isso?

Senhor Didico – Se não me engano, foi em 1957 e 1958.

Elodia Lebourg – O senhor nessa época participava...

Senhor Didico – Participei. Tinha elementos do Clube, poucos elementos de fora. Mas nos saímos muito bem. Destacou muito bem o Clube XV de Novembro! Boa fantasia: era um pano amarrado na cabeça e as cores do

³⁷ Provavelmente, o entrevistado quis dizer 15 de novembro, que é a denominação do Clube.

³⁸ O entrevistado não respondeu à pergunta.

³⁹ Vinte horas.

⁴⁰ Vinte e uma horas.

⁴¹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Clube. As cores de lá são vermelha, verde e branca. Assim também estão as três cores no tema da bandeira do Clube.

Elodia Lebourg – Que tipo de fantasia era mais comum ver no Clube, durante o Carnaval?

Senhor Didico – Geralmente, era calça comprida, blusa e um pano amarrado na cabeça, com as cores do Clube.

Elodia Lebourg – As moças iam fantasiadas?

Senhor Didico – Também, mas sempre assim dentro desse limite de cores. Mas usando saias, não é?

Elodia Lebourg – O senhor usava fantasia também?

Senhor Didico – Usei. Todos que participavam do cordão tinham de vir de fantasia.

Elodia Lebourg – Qual a diferença entre o baile de Ano Novo, o baile de 15 de dezembro⁴² e o Carnaval?

Senhor Didico⁴³ – Era muito freqüentado! Muito freqüentado!

Elodia Lebourg – Como fundador, o senhor exercia alguma função administrativa no Clube?

Senhor Didico – Durante todo tempo em que estive lá, eu assumi a administração. Exerci. Sempre que estava lá, eu era primeiro secretário, era o segundo secretário... Mas sempre ali ajudando. Quando não estava na diretoria, ajudava da mesma maneira, com a mesma boa vontade.

Elodia Lebourg – O senhor se afastou do Clube? Em algum momento o senhor se desligou do Clube, dessas funções administrativas?

Senhor Didico – Como é?

Elodia Lebourg – Eu estou perguntando se em algum momento o senhor se afastou das questões administrativas do Clube XV de Novembro? Se o senhor deixou de ser participante tão ativo do Clube?

Senhor Didico – Não. Depois... Sempre estive fazendo parte da diretoria. Quando não era eleito – porque havia eleições –, eu procurava ajudar da mesma maneira. Eu gostei sempre do Clube e continuava sem função, mas trabalhava na mesma.

⁴² Provavelmente, a entrevistadora quis dizer 15 de novembro, que é a denominação do Clube.

⁴³ O entrevistado não respondeu à pergunta.

Elodia Lebourg – Falando em eleição, como era a vida política de Ouro Preto, nessa época de sua mocidade?

Senhor Didico – Até... Quando entrou aquele... Na política de Ouro Preto, Doutor Benedito Xavier⁴⁴... Eu não fazia parte da política, não. Depois eu fui convidado por um senhor que se chamava Antônio Roriz⁴⁵, também sócio do Clube. Outro, Sebastião Francisco⁴⁶... Aí eu tomei parte, ajudei nas eleições. Não sei se foi em 1949 que fui eleito juiz de paz do subdistrito de Antônio Dias⁴⁷, e exerci o primeiro mandato, que eram quatro anos. Depois, em novas eleições, eu perdi, perdi as eleições. Passaram-se quatro anos, eu voltei com a mesma turma de companheiros e fui eleito novamente juiz de paz. Fiquei como juiz de paz até agora, em 1994, devido a um enfarto que tive. Não estou com defeito físico nenhum, mas avisto muito pouco, não me achei em condições. Então, meus suplentes estão trabalhando, não é? São três suplentes que estão trabalhando como juiz de paz. E não houve mais eleições para juiz de paz. Eles estão funcionando... Eu também sou juiz de paz, mas não posso exercer a função.

Elodia Lebourg – O que é juiz de paz?

Senhor Didico – Fazer os casamentos e atender a pequenas reclamações da população.

Elodia Lebourg – Mas fazer casamento está relacionado a...

Senhor Didico – Casamento civil.

Elodia Lebourg – Ao todo, foram quantos anos que o senhor trabalhou como juiz de paz?

Senhor Didico – Primeiro, quatro anos; depois, mais quatro. Não posso trabalhar devido à deficiência de visão. Mas eu estou no cargo.

Elodia Lebourg – Mais ou menos, quantos casamentos o senhor realizou? O senhor sabe?

Senhor Didico – Quando houve a minha festa dos 50 anos⁴⁸, o atual escrivão de lá fez um levantamento. Em todos esses anos – começando em 1949 e

⁴⁴ Prefeito de Ouro Preto por três mandatos: de 1958 a 1962, de 1970 a 1972. Foi eleito para o mandato de 1983 a 1988, mas faleceu no primeiro ano desse mandato.

⁴⁵ Vice-prefeito de Ouro Preto em um dos mandatos do Prefeito Genival Ramalho, e vereador por alguns mandatos.

⁴⁶ Líder sindical e vereador, em Ouro Preto.

⁴⁷ Bairro de Ouro Preto.

⁴⁸ O entrevistado confundiu-se, pois estava se referindo ao seu aniversário de 100 anos.

descontando os anos em que estive fora, quatro anos –, ele falou que eu fiz uns três mil e tanto.

Elodia Lebourg – Muita coisa!

Senhor Didico – Três mil e tanto. [riso]

Elodia Lebourg – Quais eram esses outros probleminhas que um juiz de paz precisava resolver? O senhor comentou que, além do casamento, resolvia também. O que era isso?

Senhor Didico – Por exemplo, um vizinho tinha uma questão de terreno com outro: algo que caía na casa dele, que avançava no terreno do outro. Iam pedir providência. Eu ia lá ver, pedia as escrituras, olhava a de um e a de outro, via quem estava com a razão e decidia: “Você está errado! Fulano é que está certo”. E era bem atendido. Sempre fui bem atendido nessa missão.

Elodia Lebourg – Eles tinham que acatar sua decisão porque era uma decisão final. É isso?

Senhor Didico – Justo.

Elodia Lebourg – Como juiz de paz o senhor trabalhava em um lugar específico? Ou podia ter outros empregos ao mesmo tempo?

Senhor Didico – Não. Não era especialmente só como juiz de paz, porque eu não era funcionário do Estado. Eu tinha minha vida. Nos dias em que tinha casamento é que eu ia ao cartório.

Elodia Lebourg – Se alguém quisesse procurar o senhor, como juiz de paz, podia procurar até em casa?

Senhor Didico – Era na minha residência.

Elodia Lebourg – Falando em política, o senhor se filiou a algum partido político durante sua vida?

Senhor Didico – Eu era do PTB⁴⁹.

Elodia Lebourg – Por que o senhor se filiou ao PTB?

Senhor Didico – Porque eu gostava dos companheiros de lá e eles me convidaram, e eu participei com eles.

Elodia Lebourg – Mas o que te convenceu?

⁴⁹ O Partido Trabalhista Brasileiro foi organizado em 1945, sobretudo a partir da estrutura sindical corporativa montada por Getúlio Vargas nos anos 1930. Em 1965, o governo militar, por meio do Ato Institucional n.º 2, extinguiu todos os partidos políticos em funcionamento legal, inclusive o PTB. Com a redemocratização do país na virada da década de 1970, o PTB ressurgiu na vida política brasileira, sob a liderança de Ivete Vargas.

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Esses companheiros do PTB... Qual argumento convenceu o senhor a se filiar?

Senhor Didico – Não, eu facilmente aceitei. [riso] Aceitei.

Elodia Lebourg – O que mudou na vida do senhor, sendo filiado a esse partido?

Senhor Didico⁵⁰ – Eu não tinha nenhum. Eu não fazia parte de política, não fazia nenhum... Me convidaram e eu participei, logo abracei. [riso]

Elodia Lebourg – A partir daí, o senhor passou a ajudar nas campanhas políticas...

Senhor Didico – Ajudava.

Elodia Lebourg – Como era isso?

Senhor Didico – A gente fazia as campanhas para os vereadores, nossos companheiros. A gente tomou por empréstimo, porque a gente já fazia parte, o Clube XV de Novembro. Era lá que a gente organizava... Quando nós saíamos na ocasião de política, fazíamos trabalhos em um bairro aqui, em outro bairro acolá... A gente comia um bom arroz com lingüiça! [riso] E depois a gente saía e ia trabalhar até amanhecer o dia. Algumas vezes fomos felizes, elegíamos prefeito, elegíamos maior número de vereadores.

Elodia Lebourg – Qual prefeito vocês já elegeram?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Qual prefeito vocês já elegeram? Sabe dizer algum?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Algum prefeito, do PTB, vocês ajudaram a eleger?

Senhor Didico – Só o Benedito Xavier.

Elodia Lebourg – Senhor Didico, o senhor foi casado?

Senhor Didico – Casei-me.

Elodia Lebourg – Quando o senhor se casou?

Senhor Didico – Eu me casei em 13 de fevereiro. O ano é que eu não estou muito certo.

Elodia Lebourg – O senhor sabe, mais ou menos, que idade o senhor tinha?

Senhor Didico – Não estou certo, mas eu me casei em 13 de fevereiro.

⁵⁰ O entrevistado não respondeu à pergunta.

Elodia Lebourg – O senhor era mais juvenzinho?

Senhor Didico – Era mais novo. Mas já estava bem idoso.

Elodia Lebourg – Como o senhor conheceu sua esposa?

Senhor Didico – Eu a conheci na casa dela. Eu a conheci, a gente ficou algum tempo namorando, depois me casei.

Elodia Lebourg – Qual o nome dela?

Senhor Didico – Maria da Silva.

Elodia Lebourg – O senhor a conheceu na casa dela?

Senhor Didico – É, na casa dela. Nesses passeios aqui, na Estação, porque o povo vinha, não é?

Elodia Lebourg – Ah!

Senhor Didico – Conheci aqui.

Elodia Lebourg – Aqui, na Estação? Depois o senhor foi namorar em casa.

Senhor Didico – É. Depois a acompanhei em casa algumas vezes. Depois a gente ficou namorando. [riso]

Elodia Lebourg – Nessa época, como era pedir em namoro? Tinha que pedir para o pai dela?

Senhor Didico – A mãe dela já era falecida. Aos parentes, não é?

Elodia Lebourg – Eles tinham que aprovar.

Senhor Didico – Hein? Aprovaram.

Elodia Lebourg – Eles tinham que aprovar primeiro.

Senhor Didico – É.

Elodia Lebourg – E o casamento?

Senhor Didico – O casamento foi feito no civil e no religioso.

Elodia Lebourg – Como foi a cerimônia?

Senhor Didico – Pela manhã no cartório; à tarde na igreja.

Elodia Lebourg – Em qual igreja?

Senhor Didico – Igreja de Santa Efigênia⁵¹.

Elodia Lebourg – Teve festa de casamento?

Senhor Didico – Não. Não teve, não.

Elodia Lebourg – Por quê?

Senhor Didico – A gente não quis.

⁵¹ Igreja da Paróquia de Santa Efigênia, localizada no bairro de mesmo nome, em Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Teve viagem de lua-de-mel?

Senhor Didico – Nada, nem falar! [risos]

Elodia Lebourg – Quero perguntar! [risos] Depois que vocês se casaram, onde foram morar?

Senhor Didico – No Alto da Cruz⁵².

Elodia Lebourg – Foram morar sozinhos?

Senhor Didico – Fomos morar sozinhos.

Elodia Lebourg – E vocês ficaram quanto...

Senhor Didico – Ela tinha um filho do primeiro casamento. Ela era viúva. Tinha um filho do primeiro casamento, Benedito⁵³. Eu assumi a criação dele e ele ficou morando conosco até falecer.

Elodia Lebourg – E vocês...

Senhor Didico – Casou-se. Esteve casado, separou-se da mulher.

Elodia Lebourg – O Benedito?

Senhor Didico – É. Separou. Mas a gente o admitiu lá em casa e ele ficou conosco, até falecer.

Elodia Lebourg – Por quanto tempo vocês moraram no Alto da Cruz?

Senhor Didico – Perto da Igreja de Santa Efigênia, em frente quase à Igreja.

Elodia Lebourg – Isso foi por quanto tempo? Toda a vida de casado? Ou depois vocês se mudaram?

Senhor Didico – Não. Depois eu consegui construir uma casa aqui, na Rua Santa Efigênia⁵⁴, onde eu morei e... Nós nos mudamos para essa casa que eu construí. Eu não lembro a época que construí. Foi em mil novecentos e quarenta e poucos. Não me lembro.

Elodia Lebourg – O senhor teve filhos?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – O senhor teve filhos?

Senhor Didico – Duas filhas.

Elodia Lebourg – Qual é o nome delas?

Senhor Didico – Maria Aparecida da Silva Quintão.

Elodia Lebourg – E a outra?

⁵² Bairro de Ouro Preto.

⁵³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁵⁴ Localizada no bairro de mesmo nome.

Senhor Didico – A outra é Maria Auxiliadora da Silva, esta que está aqui⁵⁵.

Elodia Lebourg – A infância dos seus filhos foi diferente da sua?

Senhor Didico – Não. Sempre em casa, não é? Quando chegou a época de ir para a escola, foram para a escola. Quando chegou a época de ir para o Ginásio, foram para o Ginásio. Depois foi a época de ir para o... Fizeram curso para professora. Lecionaram. Hoje estão todas duas aposentadas.

Elodia Lebourg – Mas e as brincadeiras delas?

Senhor Didico – Em casa, com os vizinhos. Com as vizinhas, não é?

Elodia Lebourg – O senhor se lembra das brincadeiras que elas brincavam?

Senhor Didico⁵⁶ – Eu, à noite assim, mas [inaudível] cedo para casa, porque quase não brincava com os vizinhos, porque tinha que preparar as aulas. Quase não brincava.

Elodia Lebourg – Em qual escola elas estudaram?

Senhor Didico – Na Escola Marília de Dirceu⁵⁷.

Elodia Lebourg – O senhor sabe dizer se a vida escolar delas foi muito diferente da sua? Ou se tinha...

Senhor Didico – Foi muito boa! Estudiosas e conseguiram...

Elodia Lebourg – Na mocidade, deram muito trabalho?

Senhor Didico – Não, nenhum.

Elodia Lebourg – Como era a vida de casado, Senhor Didico?

Senhor Didico – Muito bem. Sempre, graças a Deus! Boa paz.

Elodia Lebourg – Quando o senhor se casou, o senhor estava trabalhando em quê?

Senhor Didico – Eu estava negociando.

Elodia Lebourg – Como?

Senhor Didico – Negociava, não é? Tinha um pequeno armazém no Largo de Dirceu. Eu e meu irmão.

Elodia Lebourg – Você já era dono do armazém.

Senhor Didico – Era o dono.

Elodia Lebourg – Como se chamava o armazém?

Senhor Didico – Silva e Irmão.

⁵⁵ Refere-se à filha do entrevistado, que o acompanhou nas gravações.

⁵⁶ O entrevistado não respondeu à pergunta.

⁵⁷ Atual Escola Estadual Marília de Dirceu, localizada no Largo de Marília.

Elodia Lebourg – O que o senhor vendia nesse armazém?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Que tipo de mercadoria o senhor vendia?

Senhor Didico – Toda mercadoria de consumo: bebida, cerveja... Tudo a gente tinha lá.

Elodia Lebourg – Tinha objeto, roupa?

Senhor Didico – Não.

Elodia Lebourg – Essas coisas não. Era só alimentação.

Senhor Didico – Só alimentação, bebida, essas coisas.

Elodia Lebourg – De onde vinha essa mercadoria?

Senhor Didico – Comprávamos desses atacadistas de fora, daqui... A gente pelejou muito, mas não progrediu.

Elodia Lebourg – Em alguma época do ano vocês vendiam mais?

Senhor Didico – Mais era, por exemplo, assim no Natal. A gente vendia bem mais. Mas vendia a prazo e a gente teve um prejuízo.

Elodia Lebourg – Por quê?

Senhor Didico – Porque alguns deixavam de pagar por aquela mercadoria que a gente vendia e confiava, não é?

Elodia Lebourg – Quanto tempo o senhor trabalhou nesse armazém?

Senhor Didico – Mais de 10 anos, um pouco mais.

Elodia Lebourg – E aí decidiu fechar por quê?

Senhor Didico – Porque a gente não tinha condições. Antes de fechar, meu irmão Wenceslau foi trabalhar na ALCAN Alumínios do Brasil⁵⁸, em Saramenha. E depois eu também saí e fui trabalhar.

Elodia Lebourg – Onde o senhor foi trabalhar?

Senhor Didico – No comércio mesmo.

Elodia Lebourg – Em quais outros comércios?

Senhor Didico – Eu fui lá para o... Entrei primeiro na ALCAN Alumínios do Brasil. Mas fiquei pouco tempo, porque era serviço de terno⁵⁹, e a gente tinha que ir à noite pela aquela estrada de Saramenha...

Elodia Lebourg – Era serviço de quê?

⁵⁸ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Saramenha, bairro de Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

⁵⁹ Equipe de trabalho.

Senhor Didico⁶⁰ – Não tinha iluminação; se tinha, estava sempre faltando. A gente achou conveniente não continuar. Eu saí novamente. Trabalhei pouco tempo lá.

Elodia Lebourg – Depois que saiu da ALCAN, onde o senhor foi trabalhar?

Senhor Didico – Depois eu fui trabalhar na Companhia Industrial Ouropretana. Tinha aí fábrica de tecidos e iluminação da cidade, telefone... Fundaram uma cooperativa para os operários, só para os operários. Eu consegui um lugar lá e fui trabalhar. Trabalhei, acho, dois anos. Depois eles decidiram não continuar, passaram para um que era amigo deles. Então, combinei e saí. Fui trabalhar no armazém de Joaquim Fortes, 1950. Armazém São Bartolomeu, da família de Joaquim Fortes. Fui trabalhar lá. Mas fui contratado para fazer todo o serviço: balcão, escritura, era tudo na minha mão. Eu fazia toda a escrituração: venda da caderneta, escritura fiscal, tudo ficava ao meu cargo. Trabalhei lá até me aposentar. Quer dizer, não no armazém. Em outubro de 1965, eles tinham o Hotel Pilão⁶¹, na Praça⁶².

Elodia Lebourg – Hotel Pilão?

Senhor Didico – Hotel Pilão, aquele que incendiou. Eu trabalhei lá até 1970, mais ou menos. Eu fiquei no Hotel de 1965 até 1970, setenta e poucos. Depois, quando completei meu tempo de trabalho, requeri aposentadoria e me retirei do serviço. Isso foi em agosto, em setembro. Eu fiquei aposentado pelo INSS⁶³.

Elodia Lebourg – Desde então.

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Desde então o senhor não trabalha mais.

Senhor Didico – Não. Não trabalhei mais, não.

Elodia Lebourg – Mas continuou como juiz de paz por um tempo.

Senhor Didico – Continuei na função que estava, de juiz de paz.

Elodia Lebourg – Durante sua vida, teve um período em que o senhor foi integrante de uma banda.

Senhor Didico – Fui da Banda Senhor Bom Jesus das Flores⁶⁴.

Elodia Lebourg – Em que época o senhor foi integrante dessa Banda?

⁶⁰ O entrevistado não ouviu a pergunta.

⁶¹ Hotel incendiado, onde atualmente funciona o Centro Cultural e Turístico do Sistema FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais), na Praça Tiradentes.

⁶² Praça Tiradentes.

⁶³ Instituto Nacional de Seguridade Social.

⁶⁴ Sociedade Musical Bom Jesus das Flores.

Senhor Didico – Pouco depois da fundação.

Elodia Lebourg – Que foi quando?

Senhor Didico – Ela foi fundada em 1962. Eu tocava clarinete.

Elodia Lebourg – Clarineta?

Senhor Didico – Clarinete.

Elodia Lebourg – Como o senhor aprendeu a tocar clarineta?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Como o senhor aprendeu a tocar clarineta?

Senhor Didico – Era um senhor que se chamava José Lino e que morava aqui na Barra, aqui embaixo. Eu comecei a aprender com ele. José Lino. Ele se mudou para a Rua Santa Efigênia e eu continuei a estudar com ele, eu e mais alguns. Depois, eu já sabia um pouquinho e entrei para a Banda.

Elodia Lebourg – Como foi isso?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Entrar para a Banda... O que o senhor fazia?

Senhor Didico – Eu procurei a diretoria e me propus fazer parte.

Elodia Lebourg – Como o senhor foi selecionado? Tinha algum...

Senhor Didico – Não, não havia teste, não. A gente era convidada a freqüentar os ensaios para se desenvolver e aprender a tocar mais, não é? Aí eu fiz parte da Banda. Mas meu serviço, lá no Hotel, era difícil. Eu trabalhava na portaria do Hotel, e, às vezes, com esse trabalho à noite, eu quase não podia freqüentar. Pedi afastamento.

Elodia Lebourg – No tempo em que o senhor ficou na Banda, vocês tocavam para o público?

Senhor Didico – Tocávamos para o público. Os ensaios eram, geralmente, terça e quinta, à noite. E a gente fazia apresentações. Por algum tempo, a gente esteve onde é a Vila de São José⁶⁵, ficamos organizados lá. Antes, lá era um campo de futebol, de um clube que se chamava Operário. Tinha um campo de futebol, não é? A gente sempre ia lá fazer uma tocata à tarde, aos domingos, por algum tempo. Logo no princípio da Banda, a gente ia tocar lá. A Banda foi inaugurada na festa de Antônio Pereira, que se realiza no dia 15 de agosto de todo ano. Quinze de agosto mesmo, me parece. Agosto. Senhora da

⁶⁵ Bairro de Ouro Preto.

Conceição da Lapa⁶⁶... Não me lembro bem. Mas lá nós inauguramos a Banda. Logo, logo, começaram as nossas apresentações. Nós fomos inaugurar lá nesse lugar, um distrito de Ouro Preto, que se chama Antônio Pereira.

Elodia Lebourg – Senhor Didico, está tudo bem?

Senhor Didico – Bem.

Elodia Lebourg – A gente vai parar um pouquinho para trocar o DVD e já, já a gente retoma. Só um segundo.

Senhor Didico – Como é?

Elodia Lebourg – A gente vai fazer um intervalo agora, rapidinho.

Senhor Didico – Pois não.

Elodia Lebourg – Só para trocar, está bom?

[DVD B]

Elodia Lebourg – Vamos retomar a entrevista. O senhor estava falando da Banda.

Senhor Didico – Justo.

Elodia Lebourg – O nome da Banda é Bom Jesus das Flores.

Senhor Didico – Bom Jesus das Flores.

Elodia Lebourg – De onde vem esse nome?

Senhor Didico – O fundador da Banda Senhor Bom Jesus das Flores foi um senhor que morava no Alto da Cruz, chamado José Godinho dos Santos. Ele deu a idéia de fundar a Banda, com aquela turma entusiasmada de lá. Começaram a fundar a Banda. E ele dirigia a Capela do Taquaral⁶⁷, onde tem o Senhor do Bom Jesus das Flores. Então, a ligação dele, como presidente da Capela do Bom Jesus das Flores, com a fundação da Banda... Então foi criado, com a aprovação de todos, o nome de Senhor Bom Jesus das Flores.

Elodia Lebourg – Quais músicos compunham a Banda? Tinha o senhor que tocava clarineta. Quais outros?

Senhor Didico – O número que eu posso citar é pouco. Eu me lembro, por exemplo, de um que se chamava Salvador dos Santos: é falecido, tocava clarinete junto comigo. Américo Inácio dos Anjos: era o primeiro clarinete. O irmão desse, que se chamava João Inácio dos Anjos, era pistonista. José

⁶⁶ No dia 15 de agosto, comemora-se o dia de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, padroeira do distrito de Antônio Pereira.

⁶⁷ A Capela do Bom Jesus das Flores do Taquaral localiza-se no bairro do Taquaral.

Toledo tocava caixa. Deixa ver, tem que ser tudo... Estou procurando lembrar alguns mais. Tinha o Francisco Jeremias: contrabaixo. José Anselmo era contrabaixo... Alípio Pereira, trombonista...

Elodia Lebourg – A Banda tinha maestro, Senhor Didico?

Senhor Didico – Oi?

Elodia Lebourg – Tinha maestro?

Senhor Didico⁶⁸ – Ainda tem muitos, mas eu não os tenho assim no momento.

Elodia Lebourg – Não faz mal.

Senhor Didico – Ainda tinha muito... Tinha Orlando⁶⁹ também, que era saxofonista. Benjamin Inácio dos Anjos, contrabaixo. Ainda faltam muitos, mas eu não estou me recordando de todos.

Elodia Lebourg – Não tem importância, não.

Senhor Didico – A Banda era bem boazinha!

Elodia Lebourg – Era?

Senhor Didico – Era! Bem boa! Era e é.

Elodia Lebourg – A Banda ainda existe, não é?

Senhor Didico – Existe. Eles tocaram na minha festa de 100 anos, no Santuário de Nossa Senhora da Conceição.

Elodia Lebourg – Antes de falar da sua festa – eu vou querer falar nela também –, onde vocês tocavam com a Banda?

Senhor Didico – Nesse lugar que falei: onde é a Vila São José. Anteriormente, há muito tempo, era a sede do Clube Operário de Ouro Preto. Era um clube de futebol de operários. Aos domingos, à tarde, sempre a gente ia tocar lá, fazer uma retreta⁷⁰ para o povo. Reunia bastante gente e a gente também ficava satisfeita com nossa apresentação.

Elodia Lebourg – Vocês tocavam em outros lugares?

Senhor Didico – Nas procissões, nas procissões de Semana Santa. Em Ouro Preto [inaudível], sempre a Sociedade era convidada para fazer parte das procissões. E a gente estava sempre tocando aí, em um lugar, em outro, em outro.

⁶⁸ O entrevistado não respondeu à pergunta.

⁶⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁷⁰ Concerto popular de uma banda em praça pública.

Elodia Lebourg – Dependendo do lugar em que vocês tocavam, mudava o tipo de música, o repertório?

Senhor Didico – São diversas modalidades, não é? Por exemplo, nas procissões a gente só toca marchas sacras; de vez em quando, um dobrado. Mais marchas sacras. O nosso mestre de Banda era Vicente... Nosso mestre... Quem sempre dirigia os ensaios era João Inácio. Ele era trombonista. Ele sempre dirigia os ensaios, quando o mestre não estava. Vicente Aniceto. Era militar. Vicente Aniceto era o mestre da Banda. Ele era militar, mas fazia parte da Banda.

Elodia Lebourg – Vocês tinham uniforme?

Senhor Didico – Tínhamos uniforme. O primeiro uniforme era amarelo, chapéu, gravata e camisa branca e sapato preto. O primeiro, do dia da inauguração, foi esse. Depois, mais tarde, teve a oportunidade da gente fazer outros uniformes. No princípio não havia capital. Para fundação da Banda, a gente recorreu à população, ao comércio, à indústria. Saímos eu e Joel Sales, um senhor que era apreciador da Banda, com lista aí. A gente saía para o comércio, para a indústria, pedindo auxílio para comprar ao menos os instrumentos.

Elodia Lebourg – Os instrumentos pertenciam, então, à Banda? Não eram individuais, de cada um de vocês?

Senhor Didico – Eram da Banda. Alguns poucos tinham seus instrumentos próprios. Tinha lá um senhor que tocava saxofone; o saxofone era dele. Os outros, quase todos, eram da Banda. A gente conseguiu comprar quase logo no princípio, com a coleta que se fez na cidade.

Elodia Lebourg – E a Sociedade São Vicente de Paula, o senhor teve alguma participação nela?

Senhor Didico – Toda minha vida.

Elodia Lebourg – Como?

Senhor Didico – Em outros tempos, para a gente ser vicentino, confrade de São Vicente, tinha que passar por uma experiência que se chamava aspirante: freqüentar quatro ou cinco sessões de alguma Conferência que a gente escolhia. Depois era incluído como confrade. Naquele tempo, as mulheres não faziam parte, não sei o porquê. Hoje, é uma boa ajuda e era necessário que as mulheres fizessem parte da Sociedade São Vicente de Paula. Prestam um

serviço extraordinário! Hoje, a Sociedade tem um grande número de consórcias. As senhoras: consórcias. Os homens: confrades. E o cargo de aspirante acabou.

Elodia Lebourg – Mas o senhor ainda pertence à Sociedade?

Senhor Didico – Quer dizer, eu faço parte da Conferência de Nossa Senhora das Mercês. Um meu irmão e meu pai faziam parte. Funcionava na Igreja das Mercês, Nossa Senhora das Mercês e Perdões. Depois, [inaudível] havendo a missa do Santuário⁷¹ às oito e meia⁷², a gente achou prático passar para depois da missa, porque havia mais facilidade para reunião dos confrades e das consórcias, não é? Então, nos reunimos no salão paroquial, nos baixos do salão paroquial. Da Conferência de Nossa Senhora das Mercês e Perdões eu faço parte desde que passei a confrade. Gosto muito dos companheiros, dos nossos confrades e estimo todos. É uma família também lá dentro. A gente já fez a festa de 102 anos. Ela foi fundada no mês de maio de 1906, a Conferência de Nossa Senhora das Mercês. Foi fundada em maio e logo instalada. Ora com maior número, ora com menor número, nós estamos funcionando, assistindo famílias necessitadas que nos procuram. E a gente também faz as sindicâncias da família para admissão do socorrido. Aí vê a necessidade e a família é socorrida pela Conferência.

Elodia Lebourg – Senhor Didico, recentemente o senhor completou 100 anos.

Senhor Didico – Justo.

Elodia Lebourg – Me conta como foi essa comemoração.

Senhor Didico – Ah! Foi muito boa! Muito boa! Eu tenho que agradecer muito! Em primeiro lugar, aos meus parentes, minha filha Dodora que está aí, meus sobrinhos, meus netos. Meus netos não. Meus sobrinhos. Todos contribuíram muito bem, ajudaram muito bem. Constatou da missa que foi celebrada no Santuário de Nossa Senhora da Conceição, às onze horas, pelo Dom Barroso. Dom Francisco Barroso foi o celebrante da missa comemorativa do centenário. Depois, entramos na igreja em ordem dos parentescos: os filhos, as filhas, os sobrinhos, netos, bisnetos. Aí assistimos à Santa Missa. Depois da Santa Missa, almoço na sede do XV de Novembro. Foi muito concorrido, com muitos amigos, porque a gente tem relações com boas famílias. A gente ofereceu um

⁷¹ Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias.

⁷² Vinte horas e 30 minutos.

almoço para o qual vieram meu irmão que mora em Belo Horizonte⁷³, meus parentes, compadres. Tivemos a casa repleta durante o almoço. Durou até à tardinha, quando terminou o almoço. Eu fiquei satisfeítíssimo com os meus parentes, com todos aqueles que nos honraram com sua presença! Minha gratidão. A Banda Senhor Bom Jesus das Flores compareceu, tocou na porta da Igreja, antes da missa e após a missa, havendo a presença do Senhor Prefeito de Ouro Preto, Ângelo Oswaldo.

Elodia Lebourg – E o trem, Senhor Didico?

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Como o trem participou da vida do senhor? Foi marcante na vida do senhor? O senhor vinha até a Estação?

Senhor Didico – O trem?

Elodia Lebourg – O trem.

Senhor Didico – Ah, isso me tocou profundamente! Eu gostei muito desse ato da fundação do trem. Chama-se Trem da Vale, não é?

Elodia Lebourg – Isso.

Senhor Didico – Eu gostei muito quando vi, publicado nos jornais, que seria inaugurado em maio, não é? E foi mesmo. Gostei extraordinariamente desse... Mais uma parte para os turistas que vêm a Ouro Preto se divertir, não é? Ir a Mariana de trem e voltar de trem. Isso é muito importante! Eu gostei muito da instalação do trem. Ainda não me coube fazer essa viagem, mas farei em breve. Quando for oportuno, quando minhas filhas puderem me trazer, eu quero ir a Mariana. Estou fazendo questão! [riso]

Elodia Lebourg – Elas vão levar sim. Mas e antes, na época da sua mocidade? O senhor comentou que vinha namorar na Estação... Como era isso?

Senhor Didico – A gente vinha passear na Estação, porque eu trabalhei ali, onde é o Hotel Nossa Senhora. Ali era o bar em que trabalhei, quando falei no início.

Elodia Lebourg – Sim.

Bernardo Andrade – O senhor trabalhou n'O Globo Azul?

Senhor Didico – Hein?

⁷³ Capital de Minas Gerais.

Bernardo Andrade – Era no bar O Globo Azul?

Senhor Didico – Não, era do Joaquim Ribeiro, o português.

Bernardo Andrade – Ah!

Senhor Didico – Trabalhei ali. E vi a vida dos trens da Central⁷⁴, aqui na Estação, não é? Eu me lembro muito! Pela manhã, quase às seis e meia, tinha o SO1; depois, às onze horas, o SO2; depois tinha o SO3; à noite, nove e meia, o SO4⁷⁵. Havia esse movimento. Eu trabalhava no bar até passar o último trem. Geralmente, às vezes, atrasava e a gente ficava trabalhando para atender os fregueses que estavam fazendo hora lá.

Elodia Lebourg – Senhor Didico, não vou mais demorar muito com o senhor. Mas eu queria que o senhor contasse uma história de assombração para a gente.

Senhor Didico – Ah! Pois não! [riso] Pois não!

Bernardo Andrade – Ela não vai dormir à noite, não é, Senhor Didico?

Senhor Didico – Hein?

Bernardo Andrade – Ela não vai dormir à noite, não é, Senhor Didico?

Senhor Didico – [riso] Lá na casa onde nós morávamos, à Rua das Mercês, por certo tempo... Como eu falei... Eram uns três ou quatro irmãos em um quarto, dois no outro, e assim se acomodavam. Então, de certo tempo para cá, quando era meia-noite em ponto, toda noite, batia um pau contra outro: “Bam... bam... bam”. A cada batida... Meia hora, 15 minutos... Depois desaparecia. Um dia, eu falei com meus irmãos, com dois dos meus irmãos: “Vamos ver o que é isso”. Eles se animaram e nós descemos. Preparamos vela, terço na mão... Foram o Otaviano e o José. Descemos umas escadas que davam no segundo andar e, quando nos aproximamos, parou de bater. Parou de bater. Daquele dia em diante não bateu mais, não é? A gente retornou. Fomos dormir. Na noite seguinte, na outra noite, já não bateu mais. Nos quartos a gente já não ouvia aqueles batidos e a gente dormia tranqüilamente. Isso foi... A gente custou muito aí a procurar a realidade, que a gente pensasse que não realizava e não bateu mais.⁷⁶ Parou completamente aquele barulho toda noite, à meia-noite. Agora, lá no Largo de Dirceu, no tempo em que a gente... Eu e meu

⁷⁴ Estrada de Ferro Central do Brasil.

⁷⁵ Prefixos de comboios.

⁷⁶ Provavelmente, o entrevistado quis dizer que somente quando se apegaram à realidade os barulhos cessaram.

irmão [inaudível], nós ainda éramos solteiros. A gente residia lá. Mais três companheiros, que trabalhavam na construção do Grupo Marília de Dirceu, moravam lá com a gente. Em uma noite de Natal, conforme estamos nos avizinando, eles saíram, foram procurar seus parentes, foram passear. Eu fiquei só, no andar de cima onde a gente dormia. Antes das oito horas, eu estava deitado junto à cabeceira de uma janela⁷⁷, porque estava muito quente a temperatura. Estava procurando ver se dormia um pouco. Os companheiros todos estavam na rua – eu tinha certeza disso! A certa altura, na caixa de descarga, começou a dar aquelas descargas: “Varrrrr”. Mas seguidamente, uma atrás da outra: “Varrrrr... varrrrr”. E a caixa era boa, não tinha defeito. Aquilo foi me pondo... Passei a prestar atenção. Aquela descarga constante, constante, constante, foi me aborrecendo e eu [cantei-a no vento]⁷⁸. Aí veio pelo corredor – havia um corredor assim – e entrou pela porta do meu quarto. Eu estava lá, deitado ainda. Bateu seis vezes com o tamanco: “Pá... pá... pá...”, seis vezes. E atravessou meu quarto, saiu por outra porta e voltou para onde estava o barulho. E ficou completamente silencioso. Meu cabelo cresceu na cabeça, fiquei com o coração agitado e me deu muita sede! Água só tinha na cozinha. Levantei com muito medo e fui tomar um pouco d’água na cozinha. Tomei água na cozinha, voltei novamente e, para tirar minha aflição, minha atitude assim nervosa, cheguei à janela da frente, da casa. Fiquei olhando as crianças brincando no Largo de Dirceu, naquela gambiarra que tem... Pessoas que passavam, vinham e coisa... Eu fiquei ali até que chegassem os companheiros. Quando foi lá pelas 10 horas, dez e tanto, começaram a chegar. Eu já estava novamente repousando, mas muito agitado, nervoso, cabelo em pé! E não conseguia dormir, não é? Quando todos foram chegando, brincando comigo, me cumprimentando, aí eu fui [inaudível] cheguei ao meu estado normal. Não contei nada para eles, para que não ficassem amedrontados, porque podia acontecer de contar o caso e eles ficarem amedrontados. Passou tempo, passou tempo, passou tempo. Um dia, resolvi falar com eles, com os companheiros. Um deles me falou que via também, no seu quarto, uma sombra no forro da casa. Quando ele estava com a luz acesa, a sombra movimentava-se de um lado para outro, movia-se de um lado para outro. Mas ele também

⁷⁷ Provavelmente, o entrevistado quis dizer junto à cabeceira da cama, próxima à janela.

⁷⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

não quis denunciar, estava denunciando naquele momento. De maneira que eu fiquei... Depois, mais tarde, eu ouvi falar que haviam feito uma reforma na casa. No portal, onde tinha uma emendazinha deste tamanho assim⁷⁹, de madeira, foi encontrado ouro dentro desse portal, onde estava a minha cama. Eu ouvi contar isso por alto, não cheguei a confirmar. Mas recebi esse boato que tinha sido encontrado ouro nesse portal, justamente na cabeceira da cama onde eu dormia, da minha cama.

Elodia Lebourg – Será que isso explica, Senhor Didico? [risos]

Senhor Didico – Hein?

Elodia Lebourg – Será que isso explica tudo o que aconteceu? [riso]

Senhor Didico – Pois é, às vezes fico meditando se... Como aconteceu isso? Como aconteceu? E ainda falta um pedacinho sobre esse caso. Uma noite... Um senhor tinha uma padaria em uma casa vizinha, e estava uma chuva torrencial. Faltou farinha para ele trabalhar, partir a massa, fazer o pão, assar etc. Então ele falou se eu tinha farinha de trigo na venda. Eu falei: “Tenho”. Se eu podia buscar uns 20 quilos. Falei: “Posso ir”. E foi comigo um senhor que se chamava Mário Reco-Reco⁸⁰. Ele tinha as pernas defeituosas, as pernas tortas. Fomos lá na venda, no Largo de Dirceu, chovendo, para arranjar os 20 quilos de farinha. Pesei a farinha, trouxe. Quando estávamos pesando a farinha, uma pessoa estava andando lá em cima. Depois, mais tarde, quando chegaram, perguntei e ninguém estava em casa àquela hora. E lá estava andando, uma pessoa andando, ainda caiu cisco na minha cabeça! Aí o Mário: “Tem gente andando lá em cima!” Ficou amedrontado! Eu falei: “Isso não é nada, não. Deixa para lá!” – para que ele não ficasse com medo. Mas continuou a andar, eu pesei a farinha, apaguei a luz e fui entregar na padaria. Também silenciosamente, não falei nada. Mas confirmaram que ouviam isso várias vezes lá.

Elodia Lebourg – Que medo, hein, Senhor Didico? [riso]

Bernardo Andrade – Tinha mais alguém lá também, Senhor Didico!

Senhor Didico – Ah, o cabelo sobe logo! [risos] Vira arame!

Elodia Lebourg – Bernardo?

Bernardo Andrade – Não.

⁷⁹ O entrevistado mostra com as mãos o tamanho da emenda.

⁸⁰ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Elodia Lebourg – Senhor Didico, a gente vai terminar nossa entrevista agora. A última pergunta que eu queria fazer: o senhor gostou de ter dado a entrevista e de ter participado do Vale Registrar?

Senhor Didico – Por muito bem, muito satisfeito! Muito satisfeito de ser convidado para participação dessa entrevista. Fico muito satisfeito e muito grato!

Elodia Lebourg – A gente agradece, Senhor Didico. A gente é que está satisfeita pelo senhor ter vindo!

Senhor Didico – Pois não, com muito boa vontade.

Elodia Lebourg – Obrigada, Senhor Didico.

Bernardo Andrade – Obrigado.

Senhor Didico – Nada que agradecer.

[Término da entrevista]